

CRENÇA & LETRAS

REVISTA MENSAL

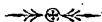
REDIGIDA

NO

COLLEGIO DE S. DAMASO

EM

GUIMARÃES



SUMMARIO

Recordação.....	Henrique Gomes
A Primavera (poesia).....	Rangel de Quadros
Ninharias.....	José d'Azevedo Menex
A catastrophe maritima (poesia).....	Albano Bellino
As Martyres de Minsk.....	José Victorino Pinto de Carvalho
Sciencia e Fé.....	Abundio da Silva
Liberdade.....	Antonio Dias da Costa
A religiosidade.....	Abundio da Silva
Impressões.....	Bruno d'Almeida
Gazetilha (na 4.ª pagina da capa).....	O collegial M. C.

COLLABORADORES DA «CRENÇA & LETRAS»

Abel Andrade, Abundio da Silva, Albano Bellino, D. Antonio d'Almeida, padre Antonio Hermano, padre Arthur Brandão, A. Morcira Bello, dr. Braulio Caldas, padre Henrique Gomes, padre Hermano Amandio, padre Joaquim José Soares, padre Joaquim Machado, José d'Azevedo e Menezes, J. Dias Gosta, J. d'Oliveira, conego José Naria Gomes, padre J. J. Silva Guimarães, José Victorino Pinto de Carvalho (Reitor de Mancellós), Lourenço de Mattos, (Prior de Collos), dr. Manoel d'Albuquerque, Mattos Ferreira (Prior de Cintra), dr. Martins Sarmiento, conego dr. Pedro Sanches, dr. Pereira Caldas, Pereira da Costa. Rangel de Quadros.

As opiniões sustentadas nos artigos insertos na «Crença & Letras» são da responsabilidade de quem os assigna. Os originaes devem estar na redacção até ao dia 20 de cada mez.

Assignatura.—Anno 1\$000 reis.—N.º avulso 200 reis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção—Collegio de S. Damaso—Guimarães.

EDITOR RESPONSÁVEL—PADRE ANTONIO HERMANO

Transcreveram o summario dos numeros anteriores da
FACULDADE DE CIENCIAS & LETRAS *os seguintes jornaes:*

A Nação—A Ordem—A Palavra—A Vida Moderna—A Gazeta de
Famalicão—A Nova Alvorada—A Aurora do Cavado—O Monitor—
A Religião e Patria—O Vimaranesense—O Felgueirense—O Celoricense
—O Jornal de Basto—A Aurora do Tamega—A Patria, etc.

JESUS AO CORAÇÃO DO JOVEN

PELO

R. P. D. José Zama Mellini .

Devocionario muito completo e por isso mesmo muito util

Encontra-se á venda, em casa do editor, J. J. de Mes-
quita Pimentel, 67, rua de D. Pedro, 69. Porto. O preço va-
ria entre 200 e 360 reis, segundo a encadernação.

COLLEGIO DE S. DAMASO

GUIMARÃES

CASA D'EDUCAÇÃO RELIGIOSA

FUNDADA EM OUTUBRO DE 1890

Anno lectivo, isto é, desde o principio d'outubro até ao fim dos exames d'instrucção secundaria de cada alumno, na 1.^a epoca, 100\$000 réis, pagos adeantadamente em tres prestações.—Ensinam-se as disciplinas necessarias para a matricula nos cursos superiores.—Professorado numeroso, experiente no ensino e todo interno.—As restantes indicações constam d'um regulamento que se mandará a quem o requisitar.

CRENÇA & LETRAS

RECORDAÇÃO

(Monologo d'um orphão, no Castellinho)

Era por uma tarde de primavera, á hora em que o sol já desmaiado, se esconde para além das montanhas. A atmosphera estava saturada d'um olôr embriagante que, despreendendo-se das flores, voava nas azas d'uma suave briza; as avesinhas, renascidas para o amor, pipilavam alegres, esvoaçando em torno dos seus queridos ninhos; as aguas do Minho deslisavam tam serenas e tam de mansinho que julgal-as-hieis sem movimento; de quando em quando reboava em sonoras e buliçães o canto das campezinhas, canto tão alegre como as nimbãs d'abril, tam simples como os corações d'essas mulheres que vergem, sempre contentes, ao moirer de sol a sol.

A natureza era toda galas, toda encantos, e Arnaldo, assentado no socaleo d'um rochedo, tam abysmado estava no seu profundo seixurar, que nem ouvia o bater de azas das mil e uma fadas que no ambiente revoloteavam delirantes, poisando nas arvores, maripozcando sobre as flores e beijando-as para lhes transmittir o calor que as desabrocha.

Dolorosissimo era o seu penar!

Quem o fitasse por alguns momentos e reflectisse na pallidez do rosto, no cavado das rugas, no deslizar de algumas lagrimas, no apertar das mãos em crispções nervosas, havia, por sem duvida, de dizer: Mais um infeliz que desespera! Talvez mais um martyr que a sociedade fez, mais uma

victima que ella arrastou ao cairel do abysmo e despenhou sem dó na voragem do crime!

Quem poderá sondar aquelle coração? Quantas ulceras ahí! Quantas chagas bem abertas ao vivo!

Aqui, n'um ermo, e a estas horas, quando todos, lá, no povoado, se deliciam em beber a largos haustos, os philtros da alegria!...

Só um soffrimento atroz, um pungir acerbo tem o poder de gerar tamanha solidão, tam grande desconso.

E era, na verdade, intensissima, immensa a dôr que o cruciava. Escutemol-o.

«Sim! que é a vida no meio da sociedade que delirante se refestela nos braços da voluptuosidade? um mar sempre em ebulição, com recifes e escarcéos, rugimentos e espumações, um dia sem as coruscancias de sol vivaz, cortado, apenas, de espaço a espaço pelo alumiar de relampagos que crispam.

A vida lá, no marulho das paixões, na espiral dos prazeres, é um contínuo labutar, um nunca repouisar senão ao cair exanime!

Espinhos lá ha-os por toda a parte, ro-as de longe a longe: sorrisos a entreabrirem lábios veem-se pouteos, lagrimas a avincarem faces, muitas.

Se, de quando em quando desabrocha uma flor, abre o calice, recende aromas, é logo quebrada pelo tufão, e amarellece, esvae-se-lhe a côr de nacar, desfolham-se-lhe as petalas de véiludo.

Se, de quando em quando brinca nos lábios um sorriso, desfaz-se logo e cava-se mais uma ruga.

Para que, pois, travar do braço a essa sociedade e deixal-a com o seu contacto marmorisar-nos os nobres sentimentos e as sublimes aspirações?!

Esses que se dizem felizes, ao verem-me tam só, taxam-me de excêntrico, julgam-me misanthropo.

Mas que importa?

Não lhes lembra que após os limpídos e poeticos dias

da primavera vêem as tristuras do outono, que após o fulgor do sol vem a pallidez do crepusculo.

Não sabem, não querem saber que lá, na orgia dos gosos, ha espinhos que afistulam o coração e negrumes que empannam o ceo da vida.

Fujo-lhes, porque maculam o carmin que purpúra as faces da innocente, estiolam o ramalhete de lyrios brancos que a virgem aperta ao coração, cospem nas faces rugosas da velhice, impellem ao suicidio o joven que ama, convidam ao duello o allucinado que jurou vingança.

Fujo-lhes, porque ririam do meu soffrer, porque só teriam sarcasmos para as minhas dôres.

Fujo-lhes, e procuro a solidão, quero-me a sós com a natureza, amo, adoro os ermos, porque ahí posso dar livre curso ás lagrimas que me sobem amarissimas do coração, porque ahí posso á vontade erguer os olhos para o ceo e pedir aos anjos que desçam de lá a instillar-me algumas gottas de balsamo nas feridas que me canceram, porque ahí posso segredar ás florsinhas as amarguras que me vão na alma e excital-as á compaixão, porque ahí possa dar largas ao pranto, deixar que rebentem os suspiros sem receio que chásqueiem da minha dôr, sem temer que algum riso sarcastico responda ao cahir das lagrimas que me queimam as faces.»

Calou-se, e as lagrimas corriam-lhe em fio pelas faces desbotadas. A vista, turba e debil, espraiva-se-lhe pelas campinas que verdejam, pelas montanhas que se erguem magestosas, parecendo topetar o firmamento, pelas aguas que batem de vagar nos rochedos da margem e deixam aqui e alem alvissimos flocos de espuma.

Após um longo silencio, os labios entreabrem-se-lhe, a final, e o seu monologo continúa assim: Ó meu Deus, como mina e gasta o soffrimento, quando não se tem um coração que compartilhe da nossa dôr, quando não ha um peito que recolha as nossas lagrimas e as transforme ao calor da amizade em aljofares que suavisem!

Então é o diluir das fibras mais delicadas, a morte lenta, mas dolorosa e irremediavel!

Não ter quem nos sustenha ao tocarmos a orla do abysmo, não haver uns braços feitos de ternura que nos estreitem e concheguem a um peito amoroso, é já não se conterem na taça do infortunio mais fezes para sorver!

E eu, meu Deus, arrasto a cruz d'esse viver, — sinto a todos os momentos esvoaçarem por sobre mim os abutres da desgraça, vejo tudo envolto n'uma cerração medonha, caliginosissima!

Como transformar essas aves de negra côr em anjos de niveas azas?

Como espancar essas trevas e clarificar o horisonte?

Ó Christo, martyr do amor, não deixes que eu succumba ao peso de tanto soffrer, não permittas que o desespero me entre na alma e consuma até á ultima faisca as crenças que alimento desde a infancia!

Minha mãe, quando eu era pequenino, ensinou-me a crer em Ti, ó Christo, disse-me que Tu és o pae dos desgraçados, que fosse a teus pés sempre que me assaltassem as lufadas do infortunio, e eu, crente nas suas palavras. . . Dobron os joelhos, e ficou em estase.

Ao erguer-se tinha a alegria no rosto e a esperanza no coração.

Collegio de S. Dennis.

HENRIQUE GOMES.

A PRIMA VEREA

Toda a natureza é festa!
 Parece toda sorrir!
 Rebenta a flor da giesta!
 Começa o prado a florir!

—De flores pende a rozeira!
Brilha a flor da macieira
e, das aves na balscira,
começo os cantos a ouvir!—

Toda és linda, ó Primavera,
rainha das Estações!
Ao tronco se enlaça a hera,
orna-o de verdes festões!
—E, além, na verde espessura,
Juncto á fonte, que mormura,
canta o pastor com ternura,
suas singellas canções!—

A crystalina corrente
desliza com mansidão.
Juncto a ella brandamente
se inclina o verde chorão.
E esta magica harmonia
ora me traz alegria,
ora amor, melancolia,
ora doce inspiração!

Como formoso retrata
as faias, chorões e o til
o lago de azul e prata,
que a briza beija subtil!
—N'elle váe mirar-se a rosa
e á flor, tão bella e cheirosa,
a louquinha mariposa
váe dizer segredos mil!—

Por noite serena, a lua
como se ostenta e reluz!
Em socego a imagem sua
á poezia nos conduz!...

—Bafejada pela aragem,
rompe essa branda roupagem
e a sua formosa imagem
no lago se reproduz!

Tudo são rizos agora
d'estas manhãs no arrebol!
Já é mais risonha a aurora,
mais saudoso o pôr do sol!
—E á noite lá se ouve o canto,
que os poetas amam tanto,
que vem roubar-nos o pranto,
o canto do rouxinol!—

Já o vento tempestuoso
não sopra com rigidez,
e nem o mar proceloso
se ostenta com altivez!
—Tornou-se o mar lago brando
e o zéphyro perpassando
as florinhas vae beijando
com amor, com languidez!

Oh! como tu és formosa,
ó Primavera gentil!
Como te ostentas mimosa
nas puras manhãs d'abril!
—Tu és a estação das flores
Ensinas os trovadores
a cantarem seus amores
debaixo de um céu de anil!—

A natureza nos fala
de ti com mago condão!
—Primavéra, toda és gala,
toda riso e inspiração!—

Quem pôde deixar de amar-te,
vendo assim, por toda a parte!
tantos thesouros sem arte?
—Só quem não tem coração!—

Tambem eu te amei outr'ora!
Contigo tambem gozei!
Mas, ai! Primavera, agora
eu nem amar-te já sei!
Amo só o que é tristeza!
Se o prado é todo belleza,
se renasce a natureza, . . .
Eu para tudo acabei!

Salve! Estação de Esperança,
amada do trovador!
Trazes aos peitos bonanga
e aos corações o amor!
—No rouxinol, que se apura;
na fontinha, que murmura;
na farta e verde espessura
tu cantas o Creator!

É só por isso, que eu te amo,
e prendes meu coração
e soletro em cada ramo
palavras de inspiração!
—Só por isso! . . . A natureza,
ostentando tal belleza,
faz ter mais minh'alma presa
ao Auctor da criação!

Avôto,

RANGEL DE QUADROS.

NINHARIAS

De Madrid á fronteira franceza

Na manhã do ultimo dia da nossa estada em Madrid démos um largo passeio pelos arrabaldes da cidade e parámos na *Casa del Campo*, que abunda em caça miuda e outros attractivos, que prendem por alli ás temporadas a familia real espanhola. O resto do dia foi para ver e ouvir falar nas camaras os homens politicos da nação vizinha.

—Tempo perdido! Quem conhece os de cá, já sabe como são os de lá,—diz o leitor discreto.

Pouco mais ou menos assim é.

Ha realmente pontos de semelhança entre os homens politicos dos dous paizes. O systema de governo é o mesmo —bellas theorias e má administração. D'ahi um mal estar geral, aggravado pelo augmento progressivo dos impostos, que deixam a descoberto na sociedade um estendal de miserias. Na verdade o liberalismo foi em toda a parte um desastre, mascarado com os ouropéis da rhetorica.

Debaixo d'este ponto de vista, os nossos vizinhos levam-nos vantagem: todos os hespanhoes são oradores. Castelar é o maior de toda a historia, como lhe chama um distincto portuguez; e Moret, Pidal, Romero Robledo e outros bastariam para dar á Hespanha a primazia dos grandes oradores contemporaneos.

Quando entramos no *Congreso de los diputados*, a sessão, a que presidia Pozada Herrera, estava muito concorrida e animada. A sala é semicircular, e não tem boas condições acusticas. As cadeiras estão dispostas em amphitheatro.

O deputado Sedó atacava rijamente o Conde de Taranó, que era então ministro das obras publicas no ministerio Canovas del Castillo (1877.) O debate versava sobre uma concessão de caminho de ferro, e a accusação produzida parecia-nos esmagadora. Aquillo não se respondia, o ministro

estava perdido, — pensavamos nós. Castelar e a *esquerda* apoiavam o orador, que envolvia *n'aquella monstruosidade* o ministerio todo, a maioria, e el-rey *tambien*. Um discurso de *bota abaixo*, que bem podia resumir o fogoso deputado n'estes versos da celebrada redondilha:

Nós otros somos los buenos,
Nós otros, ni mas, ni menos.

Levanta-se o Toreno para responder, lê pausadamente uns papeis, e pronuncia meia duzia de palavras, que faremos ponto principal da questão. A principio sereno e calmo, vai-se animando com os applausos da maioria, e a sua voz volumosa enche toda a sala, rebatendo em phrase vigorosa e incisiva os argumentos do seu adversario. Já a nossa impressão ia sendo outra: pelos modos, o ministro tinha andado bem, e o deputado mal, fazendo uma tempestade n'um copo d'agua.

Que pensariamos nós, se Castelar fallasse em seguida?

A eloquencia parlamentar tem d'estas *nuances*, em que a verdade e a mentira se confundem perfeitamente para honra e gloria dos politicos.

No *Senado*, cujo salão é de forma elliptica, a figura proeminente de Canovas del Castillo destacava solemnemente no meio d'aquella assembleia, em que se viam os homens mais distinctos do paiz visinho. Philosopho, historiador e politico de largas vistas, o presidente do conselho avanta-se a todos os estadistas da moderna Hespanha, que elle salvou dos horrores da anarchia, cooperando poderosamente na restauração monarchica de Sagunto, e mantendo sempre no poder uma politica accentuadamente conservadora. Ministro omnipotente e sabio como Jimenes, que apoiava a sua força na espada do *Gran-Capitan*, tambem o moderno e notavel estadista teve na espada de Martinez Campos o mais seguro penhor da estabilidade da sua obra.

O cardeal-ministro dos reis catholicos para servir a religião, de que era ornamento, publica em 1514 a sua *Biblia*

polyglotta, que lhe augmenta a sua fama de sabio e o seu prestigio politico; e cercceando as immuniidades municipaes, foco de perturbações dos burguezes afidalgados, centraliza em si os poderes da monarchia, fortalecida com a conquista de Granada, e remodelada já nos principios d'uma justa democracia, pela qual os homens de nascimento humilde chegam aos altos cargos do estado.

Jimenes era um frade obscuro, e Pizarro um guardador de porcos.

Finalmente o trabalho *nobilita*, e como na antiga Roma os fidalgos distinguem-se pelas acções, e não pelo sangue.

JOSÉ D'AZEVEDO MENEZES.

A CATASTROPHE MARITIMA

Occorrida na Povoa e Afurada, em 27 de Fevereiro de 1892

Em alterozos vagalhões o mar
 Bramo impellido pelo noto irado;
 De nuyens dens'umbrosas carregado,
 Seu brilho o ceo não deixa vislumbrar.

Na praia o povo assiste ao sossobrar
 Das lanchas que nas ondas têm luctado,
 Aonde alguns dos naufragos a nado
 Conseguem á furia indomita escapar.

Horriavel quadro de miseria tanta! . . .
 Lá ficam na viuvez e na orphanidade
 Entre a penuria e dor que as ataganta.

Essas vidas que agora a Caridade,
 Rainha das virtudes terna e Santa,
 Sob o seu manto abriga da piedade.

ALBANO BELLINO.

AS MARTYRES DE MINSK

(Episódios d'uma perseguição na Russia)

VI

Na porta da Egreja destinada ao culto seismatico, appareceu certa manhã em versos russos, a seguinte inscripção:

Aqui, em vez dos mosteiros,
Que existiam outr'ora,
A Siberia e os tormentos
O seu logar tem agora.

Aproveitando pressurosos todos os pretextos de mais atormentar as infelizes filhas de S. Basilio, imputaram-lhes os verdugos esta inscripção (de que elles de certo eram os auctores), e agoutaram-n'as por isso duas vezes por dia.

Duas das infelizes succumbiram a estes novos tormentos.

Por esta occasião o pope Veroffkine escreveu a Siemasrko— que, aterradas com a morte de tantas irmãs suas, estavam as basilienses resolyidas a abraçar a religião seismatica. O bispo apostata, que andava fechando e sellando as egrejas catholicas da provincia recebendo a noticia, chegou em breve.

Estamos no outono de 1841.

Siemasrko, antes da annunciada abjuracão das religiosas, a que elle queria dar toda a solemnidade, apresentou-se em sua presenca, felicitando-as de que—: a colera de Deus, que sobre ellas cahira, as tivesse horrorisado

—«Apostata, lhe respondeu a abbadessa, nós não rene-gamos a nossa fé: estamos pelo contrario resolyidas a receber por ella, como nossas irmãs, a palma do martyrio.»

— Ousa- falar assim? Por ventura sabes a quem estás falando?...

—«Sim, respondeu a abbadessa, falo a um apostata, a um traidor á Igreja e a Jesus Christo.»

Uma tremenda bofetada foi a unica resposta do apostata.

—«Nosso Senhor, lhe torna a martyr, manda-nos, ultrajada uma face, offerecer a outra: aqui a tens.»

E o verdugo ousou fazer novos insultos áquellas angelicas faces, lividas e descarnadas pela fome e soffrimento! . .

Nesta e noutras occasiões quebrou nove dentes á abbadessa! . . .

Pensará talvez alguém que estas barbaridades eram tão sómente filhas da intolerancia e malvadez de Siemaszko, e não ordenadas nem ainda sabidas pelo imperador. Engano! Siemaszko deu a ler á abbadessa um papel, que dizia assim!

«Tudo que o archi-archi-archi-rei (tres vezes archispo) Siemaszko tem feito e fizer para a propagação da religião orthodoxa, eu o approvo, confirmo e declaro sancto, sancto, tres vezes sancto. E outrosim ordeno que, em caso de resistencia, as auctoridades militares, á simples declaração do archi-archi-archi-rei Siemaszko, a toda a hora e por toda a parte, ponham á sua disposição toda a força armada, que elle requisitar. E este ukase eu o assigno por meu proprio punho.

Nicolau.»

Em seguida apresentou o apostata ás religiosas um requerimento, que ellas haviam dirigido ao imperador, pedindo-lhe houvesse por bem accceitar todos os seus bens, e em compensação só conceder-lhes a graça de as deixar morrer na sua religião.

Á margem havia o imperador lançado este despacho estúpido e cruel:— Sua petição será attendida, se mudarem de religião.»

Siemaszko encolerizado deu tão violento bofetão na abbadessa que, por espaço d'um anno lhe foi difficultoso o falar, em razão de lhe ficar o nariz gravemente offendido.

Eu te ensinarei, lhe disse depois, a escrever ao impé-

rador. Deves saber que eu e o imperador somos a mesma pessoa.

Perguntou-lhes quem lhes fornecera o papel e escrevera a petição.—O papel foi-nos dado por uns pobres; a petição escrevi-a eu mesma.

Novos insultos e violencias da parte do verdugo.

«Quando eu vos esfolar tres vezes, continuou elle, tirando-vos a pelle que Deus vos deu, e mais duas que virão depois pertencentes ao imperador.—então direis a verdade.»

Soffreram em todo este dia horriveis tratos, e banhadas em sangue foram recolhidas á prizão, d'onde sahiram algumas, no dia seguinte, para a sepultura.

Desde este dia houve todo o cuidado em desviar os pobres, que repartiam o seu pão com as religiosas; e se não fossem os judeus, a quem os popes e as ezernice temiam, por lhes deverem muito dinheiro, da aguardente por elles fornecida, succumbiriam as infelizes mais depressa, á fome e á força de trabalho e de tormentos.

Voltou Siemaszko, no dia seguinte, para indagar quem havia fornecido o papel da petição, e escripto e affixado os versos na porta da egreja; mas nada pôde descobrir.

Ás suas repetidas perguntas respondiam as infelizes, lançando-lhe em rosto a fealdade do seu crime de apostasia.

Fatigado em fim de, nem á força de tormentos, abalar a firmeza das religiosas, retirou-se dizendo aos popes: Atormentai-as cada vez mais, e eu não me esquecerei de as vir visitar.

VII

O inverno seguinte (1842) foi mais penoso que o antecedente.

Na primavera soffreram as martyres trabalhos forçados e continuas flagellações, a que succumbiram algumas religiosas.

Um decreto do bispo apostata mandava dar cincoenta açoites por cada vez, em cada religiosa; e Seraphina Szczerbínska, veneranda senhora de setenta e dous annos, tinda, ao

trigesimo açoute, resvalado das garras do algoz para o chão, já cadaver.

Era forçoso-o executar plenamente o decreto. Á falta de um corpo animado, descarregaram-se no cadaver os açoutes que faltavam para preencher a conta! . . .

Tendo noticia d'este martyrio, a esposa que era polaca do general russo, commandante da praça, pediu a seu marido que tivesse compaixão das infelizes. Foi o general ao local onde estavam as martyres, e chegou no momento de principiarem os tormentos. A compassiva Senhora, á vista dos instrumentos do martyrio, desmaiou, e o general, avançando para o pope, arranca-lhe da mão a ordem do bispo apostata, dizendo:

«Que fazes, desgraçado? És por ventura algoz, para assim atormentares estas innocentes?»

— «Eu executo o decreto do archi-archi-archi-rei.

— Far-te-hei prender, se continuares a executar a ordem do teu apostata.

— É impossivel que o imperador tenha conhecimento dos tormentos, que fazeis padecer ás vossas victimas.»

As flagellações cessaram por então; mas a compaixão do general, que ignorava as ordens do imperador a Siemaszko, foi causa de mais cruéis torturas.

VIII

O bispo apostata, que tinha de vir a Polotsk, ver o seu palacio e sagrar a egreja, apressou o regresso, sabendo da resolução do general. Foi visitar as religiosas e disse-lhes: «O general quer prender Vesoffkine? Como ousou elle fallar assim? Eu é que posso fazel-o prender a elle e a vós», acerescentou, mostrando de novo o ukase, que lhe concedia plenos poderes.

Houve em sua honra um banquete em que as ezernices se entregaram, como de costume, a todos os excessos. No fim mandou o apostata aos diaconos e popes, que fizessem soffrer o ultimo ultrage ás desgraçadas basilienenses, promettendo

áquelle que consummasse o crime, conferir-lhe no mesmo dia o grau de protopope (arcebispo)!

Com este infernal intento, foi a prisão das infelizes invadida por uma multidão de barbaros embriagados e ferozes!...

As miseras viram-se expostas ás mais terriveis affrontas: foram pisadas, mordidas, dilaceradas e calcadas aos pés!...

Debruçadas na terra, a que procuravam segurar-se com pés e mãos, soltavam as infelizes pungentes e dolorosos gritos, pedindo a Deus antes a morte, que a deshonra!...

Quanto mais tenaz era a resistencia, mais se ateava a raiva dos algozes; já o sangue inundava a prisão; algumas das infelizes eram já cadaveres; tinham oito os olhos arrancados, e estavam as outras mais ou menos mutiladas, quando os tigres, fatigados e cobertos de sangue, se retiraram sem perpetrar o crime atroz.

As que poderam levantar-se, cuidaram das feridas das outras; mas faltando-lhes tudo, até a agua, empregaram no curativo pó de caruncho e teias de aranhas!...

Siemaszko partiu nessa mesma noite, sem ousar avistar-se mais com as suas victimas.

Na manhã seguinte, veio vel-as o pope Veroffkine, para mandar retirar os cadaveres, e fazer marchar para os trabalhos as que viviam ainda.

Vieram tambem as ezernice, para blasphemar, motejar, bater as palmas e cobrir de improperios as pobres martyres.

(Continúa.)

Elaborado por Manoel dos Santos,

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

Sciencia e Fé

AOS MEUS CONDÍSCIPULOS

Em testemunho da mais íntima e fraternal amizade

A Sciencia, no seculo actual, é uma palavra revolucionaria e athea, que pretende esmagar no coração os sentimentos nobres e alevantados do que crê. A fé é a egide tutelar do homem que a Deus se eleva, bafejado pelas auras sacratissimas do Christianismo!

Para a furia scientifica do presente seculo, sciencia e fé são dons inimigos irreconciliaveis que travaram o combate sanguinolento da verdade contra o erro!

Porém a sciencia entendida nos seus devidos termos como a enunciação simples e desinteressada da verdade, estudada não com a opinião antecipada de combater mas só pelo desejo de descobrir a verdade, não pode estar em contradicção com a fé, é ao contrario a sua brilliantissima prova. Vejamos.

Os principaes ataques contra a fé são dirigidos em nome da astronomia, geologia, paleontologia, antropologia, emfim, em nome das *sciencias naturaes*. E' em nome da sciencia que o Genesis é repudiado como absurdo, como uma collecção de erros sahidos do cerebro desorganizado de Moysés. E' em nome da sciencia que se pretende destruir a fé, reputando a criação do universo como um impossivel e a narração do agiographo como uma lenda. E' em nome da sciencia que se declara a sua incompatibilidade com a fé, que se mente descaradamente affirmando que esta guerreia aquella.

Mas esta affirmacão falsissima desmentimol-a com o seguinte trecho de um discurso do Dr. Lefebvre;

«No seculo XIII o franciscano Rogerio Bacon, sem arredar nem um passo do campo da orthodoxia, não percorreu o cyclo inteiro dos conhecimentos astronomicos e physicos illuminando-os com as fulgurações do seu potente genio? Os paes da astronomia moderna Copernico, Kepler e Newton não eram mais que crentes, não eram ferventes christãos de uma exemplarissima piedade? Acaso o profundo respeito pelos livros biblicos, impediu Euler de aperfeiçoar o calculo integral e penetrar mais longe que nenhum dos seus antecessores nas obscuridades da analyse? Hesitaram porventura Vesale e Morgani em proseguir os seus estudos sobre a estructura e funcções do organismo humano, com o receio pueril de offender com as suas descobertas, qualquer verdade revelada? O abbade Spallanzani, o verdadeiro precursor dos physiologistas modernos foi jamais embaraçado por suas crenças, nas suas magnificas investigações acerca da digestão, respiração, circulação, reproducção dos animaes, acerca dos phenomenos da vegetação, constituição dos infusorios, etc.? Não foi o conego Haüy, de santa memória, quem descobriu as leis da crystallisação dos mineraes?

«E na pleiade de sabios modernos não se conta uma multidão entre os mais illustres, que attestam por seus trabalhos que as mais altas especulações da sciencia podem marchar de braço dado com a fé? Citamos alguns nomes que nos occorrem, para respondermos á affirmação soberba dos *livres penseadores* de que nós somos apenas soldados de uma causa perdida, renegados pela sciencia contemporanea: em França, Cuvier, Alexandre Brongniart, Deluc, Binet, Biot, Ampère, Augustin Cauchy, Quatrefages, Marcel de Serres, Blainville, Elie de Beaumont, Dumas, Charles Dupin, Coriolis, Tulasne, Ch. Hermite, Barrande; na Allemanha, Henri Steffens, H. V. Schubert, Karl Raumer, Fuchs, André e Rudolph Wagner, Frédéric Pfaff, Muller, Hyrtl, Gustavo Bisschof, Herman, Meyer, Carl Leonhard, Fred. Aug. Quenstedt, Baer; na Inglaterra e na America, Thomas Chalmers, Faraday, Buckland, Whewell, Sedgwick,

Fleming, Hugh Miller, John Macculloch, Davy, sir David Brewster, Owen, Dana, etc.» (1)

E na verdade suppor a contradicção da crença com a razão é um absurdo. Dil-o a propria razão, bem alto o dizem os nomes illustres que acabamos de transcrever.

As theorias scientificas modernas tem feito esforços sobrehumanos para vencer a lucta ingente que travaram.

Na astronomia com a theoria de Laplace julgou-se deruida a narração genesiaca sobre a origem do mundo, mas não tardou a decepção quando a grande *epopea scientifica* do illustre astronomo foi acceite e a sua harmonia com o texto sagrado foi reconhecida. Quando na sua obra de mentira e falsas interpretações, os pseudo-sabios trataram de explicar a origem do homem, levantou-se lá da Inglaterra, protestando sacrilegamente contra as affirmações mosaicas o naturalista Ch. Darwin. Porém talentos dos maiores, brilhantes luzeiros a constellar o firmamento da verdadeira sciencia, chamaram e continuam a chamar á ordem e á verdade esses desnordeados que soberbos e teimosos os accusam *de simples soldados de uma causa perdida, renegada pela sciencia contemporanea*.

Esses homens anti-religiosos blasonam de sabios, ensoberbecem-se com os seus titulos scientificos e os seus sequazes acclamam as suas obras como o *non plus ultra* da sciencia moderna. Que contraste com a modestia dos sabios christãos! Citemos apenas Le Verrier: ganhou para a mathematica o triumpho mais brilhante que se póde imaginar, descobrindo unica e exclusivamente pelo calculo um planeta do nosso systema solar: a sua fronte foi ornamentada por gloriosissimos laurejs, e Le Verrier, christão modelo, nunca se deslumbrou com as suas victorias nem com a sua fama. Inimigo acerrimo das escholas materialistas elle dizia e con-

(1) Lefebvre no seu discurso presidencial, pronunciado na reunião da *Sociedade científica de Bruxelles*, a 18 de novembro de 1873.

fessava abertamente as suas crenças religiosas e orgulhava-se de as ter.

Que contraste, repetimos, entre os sabios do atheismo e os sabios christãos!

Parece impossivel a propaganda desenfreada e desmoralisadora com que os pseudo-sabios vão propagando as suas erroneas doutrinas. No dizer do sabio professor M. Lavaud de Lestrade, os seus erros não são professados em cadeiras pouco conhecidas, vêem a luz publica activa e incançavelmente propagados por milhares de jornaes, revistas, academias, congressos, etc. (2)

E nós os catholicos, nós que comprehendemos bem o que é a sciencia e que nos esforçamos pelos seus progressos, que devemos fazer, como devemos obrar?

E' simples e obvio: fazer pelo menos tão activa propaganda pela verdade como os nossos adversarios fazem pelo erro. Desçamos ao campo da sciencia, e, para os combatermos com as mesmas armas, estudemos a cosmogonia, a geologia, a paleontologia, e triumphantes mostremos aos nossos inimigos a verdade das nossas affirmações, não deixemos já-mais nem por um momento vacillar a nossa fé, e tenhamos sempre diante dos olhos este protesto assignado por mais de duzentos sabios:

«Consideramos impossivel toda a contradicção entre a palavra de Deus impressa no livro da natureza e a confidada na Sagrada Escriptura, qualquer que seja a differença que pareça existir entre ella. Não esqueçamos que as sciencias naturaes não estão completas, mas apenas em via de progresso, que ao presente a nossa razão limitada não nos permite senão ver em enigma, como atravez de um espelho. Cremos firmemente que virá um tempo em que os dous

(2) Lavaud de Lestrade—*Avord de la science avec le premier chapitre de la Genese.*

testemunhos se harmonisem em todas as suas particularidades.

Não podemos deixar de deplorar que as sciencias naturaes sejam consideradas com desconfiança por muitas pessoas, sem previo estudo, baseadas unicamente no modo inconsiderado com que muitos as põem em opposição com a Sagrada Escriptura. O dever de todo o homem que estuda as sciencias é (assim o cremos) proseguir na investigação da natureza com o unico fim de esclarecer a verdade. Se alguns resultados obtidos, parecem estar em contradicção com a Biblia, ou melhor com a interpretação dada á Biblia, interpretação que pôde ser erronea, não deve afirmar soberbamente que as suas conclusões são necessariamente verdadeiras e que desde então são evidentemente falsas as afirmações da Biblia. Deveria ao contrario suspender o seu juizo até que praza a Deus fazer-lhe conhecer como se poderiam conciliar. Em vez de insistir sobre as *apparentes* divergencias entre a sciencia e as Escripturas, mais valeria apoiar a fé sobre os pontos em que estão de accordo.» (1)

Sublime a linguagem de estes sabios!

Em abono da verdade devemos dizer que se na sua infancia as sciencias naturaes se apresentaram declaradamente oppostas á religião, a ponto de Draper affirmar que o homem de religião não pôde ser homem de sciencia; hoje a approximação vae-se fazendo e a sciencia honra-se de ter no seu campo homens de fervorosa piedade, sacerdotes até.

Oxalá que estes conflictos entre a razão e a crença levantados pelo orgulho dos homens acabem por uma vez, porque desgraçados d'aquelles que, levados na onda anti-christã, põem o seu saber e o seu talento ao serviço do erro.

(1) Declaração publicada nos jornaes inglezes em julho de 1864 assignada por 130 membros da *Sociedade Real* de Londres, 40 medicos celebres, homens de sciencia, taes como Thomas Anderson, sir David Brewster, sir Henri C. Rawlinson, Adam Sedgwick, Alfred Smea, etc., etc.

Contra esses exclamou Isaiás: *Desgraçados de vós que sois sábios aos vossos próprios olhos.*

Talvez d'esses se possa dizer como Macaulay: Alimentamos desde muito tempo a convicção íntima de que estes homens olhados por uns como a luz do mundo, por outros como demonios encarnados, são em geral homens muito vulgares, de espirito acanhado e muito mediocremente instruídos. (1)

Terminemos. Sem fundamento, são os conflictos levantados entre a sciencia e fé. O homem religioso póde ser homem de sciencia. Não esqueçamos a maxima do concilio do Vaticano:

Nulla unquam inter fidem et rationem vera dissensio esse potest.

Coimbra—26 4—92.

ARFUNDIO DA SILVA.

LIBERDADE

Eis n'uma só palavra a synthese de toda a historia antiga nas suas luetas porfiadas contra a tyrannia e a oppressão, luetas, titanicas, ingentes, cruentissimas feridas entre povos que sacudiam o jugo plumbeo e humilhante da servidão, e os algozes que queriam arrochar-lhes mais e mais os grillhões, acurvar-lhes mais e mais a cerviz para a gleba, aljofarada já com o suor da fronte escravisada, e com as lagrimas caídas das palpebras do escravo.

Liberdade! Expressão do sentimento instinctivo do ser vivente, aspiração constante do espirito humano que almeja de continuo evoluar-se, qual aguiã altívola, a regiões cada vez

(1) Macaulay — Essai sur Stuart Mill.

mais luminosas, a horisontes mais e mais longiquos! Adejo incessante da alma, indo nas azas vaporosas do pensamento, de esphera em esphera, de astro em astro, de constellação em constellação, até pairar por sobre essas myriades de corpos celestes que vôm no espaço em orbitas regulares, cadenciadas, harmonicas.

Liberdade! Tu és a arvore sagrada que cobre com a sua sombra benefica e protectora a humanidade inteira! Anhelam-te as nações, ama-te o mundo desde o Caucaso aos sertões mais inhospitos d' Africa e do Novo Mundo, desde as fertes planicies da Europa aos aridos desertos, devastados pelos queimôres d'um sol tropical!

Liberdade! Tu és a protectora do infeliz, tu pulverisas os grillhões que arroxéiam os pulsos do escravo, despedaças os ferros da lóbrega masmorra em que vegeta sem viver o triste prisioneiro!

Liberdade! Celebram-te os poetas em seus carmes, louvam-te e enaltecem-te os oradores, dedilham-te os bardos em seus alaúdes, os trovadores te dedicam suas canções, cantam-te os zagaes em seus sabeis e as avesinhas te gorgéiam em seus trinados.

Liberdade! Tu és essa planta cosmopolita que se aclima em todas as regiões, sozonando fructos abendiçoados de acções homericas, de rasgos sublimes de heroicidade, reduzindo a pó o sceptro iniquo dos despotas.

Ah! Bendita sejas tu liberdade, luz fulgentissima que norteia as nacionalidades atravez dos cataclysmos que vão submergindo os povos no pó do esquecimento, talvez para só resurgirem mais tarde na consagração da historia!

*
* * *

Para entender a liberdade é preciso crer em Deus, para acreditar na egualdade é preciso ter o Evangelho no coração, diz Almeida Garrett nas Viagens na minha terra .

Estas palavras do illustre homem de letras provam á evidencia o que deve entender-se por liberdade, por esta

concretisação d'uma aspiração ingênita á natureza do homem. Para os homens d'idéas avançadas para os espiritos fortes para os adoradores da materia, porque não comprehendem a segunda e mais excellente parte do nosso ser, para os socialistas que preconizam a usurpação e o saque, e anathematizam a submissão do operario, para os que chamam liberdade á anarchia que elles amam como idonea á consecução de seus fins suspeitos, para todos estes, as palavras do emnente literato poderão ser taxadas de utopia de espirito exaltado, ou simples ficção de vate visionario.

Para nós porém, que adoramos a liberdade como uma emanação sublime da Divindade, que adoramos a liberdade, como attributo n'ella gravado desde muito pelo sôpro omnipotente de Deus, para nós que queremos a liberdade na sua expressão mais verdadeira e mais nobre—a liberdade do bem—, para nós que comprehendemos a liberdade no seu sentido mais lato—a liberdade de todos, sem excepção de raças nem de fórmãs, para nós que amamos a liberdade dimanada da arvore redemptora que ha desenove seculos preside aos destinos da humanidade, para nós que glorificamos o operario pela sua resignação heroica, acurvado sob o peso d'um labôr insano, para nós essas palavras têm um sentido real, uma objectivação perfeitissima.

Liberdade! Tu tens sido uma negaça nas sociedades modernas para o politico, para o publicista, para os exploradores do *povo-cci*. Quantos de ti tem abusado, dando-te uma interpretação erronea, ou forçando-te a sellar os seus desvarios, as suas loucuras, e até os seus crimes!

Entre os povos que se chamavam civilizados na historia antiga, floresceu o povo e o imperio romano, que maior grau de esplendor e de cultura attingiu nos ultimos seculos do paganismo.

E foi esse talvez o que menos comprehendeu a liberdade!

Pois que! Seria liberdade a barbara e iniqua lei que forçava a digladiarem-se com indomitas feras milhares de atheletas, para satisfação do sanguinario appetite d'esse po-

pulaço selvagem que só pedia a seus imperadores *panem et circenses*?

Seria liberdade essa carnificina immensa de pobres e miseros escravos que curvavam o joelho ante o Cesar impudente para o saudar exclamando:

Ave Cesar, morituri te salutant...!

Seria por amor da liberdade essa horrida hecatombe executada pelo matricida e impudico Nero em milhares de indefesos christãos?

Seria em nome da liberdade que esse infame mandou incendiar a cidade eterna para, ebrio de loucura e de volupia, fruir esse pavoroso espectáculo?

Em nome da liberdade do mal, sim; da liberdade verdadeira, que nos veio pela religião tres vezes santa de Christo, nunca.

*
*
*

Lançando rapidamente um olhar por sobre a historia moderna e contemporanea, vamos respigar alguns factos que provam o meu asserto—o abuso da liberdade.

Passemos de relance pela terra classica da arte—a Italia. Vejamos os fructos que ali sazou a tão decantada liberdade do seculo do vapor. Perguntemos ao orgulhoso e ovante seculo em nome de que principios, em nome de que direitos os bandos garibaldinos invadem, quaes barbaros Alanos, talando tudo a ferro e fogo, os dominios pontificios, já reduzidos ao pequeno patrimonio de S. Pedro.

Interroguemol-o outrossim para saber os meios por que se elevou a uma apothese embora chimerica o grande heroe de Caprera.

Por algum tempo ainda essas hordas, sedentas de sangue e despojos, capitaneadas pelo aventureiro Garibaldi, encontram uma resistencia vigorosa, homérica n'esses poucos mas heroicos soldados do Papa.

Por fim as forças decrescem, as intrigas succedem-se, os pretextos multiplicam-se, e Victor Manoel invadindo audaz os Estados da Egreja, apodera-se á força da cidade

dos Papas, da capital do orbe catholico, a 20 de Setembro de 1870, para fazer d'ella a capital da Italia-Una.

E viu-se já maior oppressão do que esta ao Ancião Venerando, que do interior do Vaticano está abençoando a humanidade, servindo de arbitro nas pendencias internacionaes, cultivando as musas, e enriquecendo as letras patrias? Soberbo! superbissimo padrão levantado á Grande Idéa, em nome dos grandes principios liberaes!

Mais: não vos lembraes do modo *hospitaleiro* como os italianissimos receberam dentro de seus muros uns humildes peregrinos francezes, que, como filhos respeitosos iam curvar-se aos pés do Pae Commum dos fieis, d'esse pobre, mas venerando ancião, vilipendiado tão covardemente, ferido no que elle tem de mais caro, nos filhos que lhe foram confiados pela Providencia?

Não será isto um flagrantissimo attentado contra os seus direitos de cidadão, uma negação brutal de sua dignidade, conto supremo jerarcha da Christandade? Não será isto tambem um repto audacioso lançado ás faces de nações que se dizem catholicas e fidelissimas?

* * *

Mas deixando a historia de outras nações, occupemo-nos um pouco do nosso Portugal, que tambem aqui encontraremos factos a verberar, individuos a prender ao pelourinho da execração publica, e costumes a corrigir.

Ha um facto nos annaes lusitanos que tem produzido fructos de maldição. Uma vindicta exercida por um rei para com a santa Sé, em virtude d'esta não confirmar a pretensão anti-religiosa do Soberano, deu principio ao celebrado *Beneplacito Regio* por força do qual nenhum escripto dimanado da Curia Romana, póde ser publicado sem receber o *placet* dos governos. Bello exemplo de liberdade!

N'estas condicções é tão livre o Papa em sua acção como o pae que ardendo em desejos de aconselhar seus

filhos ausentes o faz por meio d'escriptos visados por inimigos seus.

E o que se não faria a outro, faz-se ao Augusto Chefe da Egreja, faz-se hoje ao Sapientissimo Papa Leão XIII!

Seria tambem em nome da liberdade que o famigerado Marquez de Pombal (1) expulsou de suas casas e mandou lançar nos sorvedoiros do oceano tantos homens illustres, benemeritos de Deus e da humanidade, só porque vestiam uma negra roupeta e se chamavam jesuitas? Seria egualmente em nome da liberdade que tantos milhares de religiosos foram obrigados a estender a mão á caridade publica para matar a fome, elles que eram a providencia dos infelizes, os apóstolos da caridade, os obreiros da civilisação, o repositorio das sciencias e das letras?

Era isso tratál-os com justiça e humanidade, a elles que appareciam em toda a parte, onde fosse preciso o exercicio de seu ministerio, elles que impulsavam a agricultura, ensinando-a e praticando-a, elles que levantavam esses monumentos soberbos de architectura que ainda hoje fazem a nossa admiração, elles que se achavam em toda a parte onde houvesse lagrimas amaras a estancar, orphãos a proteger, viúvas a consolar, mendigos a soccorrer, fêras para elevar até homens e homens para elevar até anjos, no dizer d'um illustre escriptor?

Será em nome da liberdade que se poem em almoeda os bens ecclesiasticos?

Será em nome da liberdade que se demolem altares e despovoam conventos para estabelecer estações, quartéis...?

E' em nome da liberdade que se deixa o vicio tripudiar ás escancaras nas cidades mais policiadas da Europa civilisada?

E' em nome da liberdade que se moteja dos catholicos, e se vilipendiam os sacerdotes?

(1) Não nego as qualidades d'este homem, como estadista e como politico; mas ainda debaixo d'este ponto de vista não é para mim um idolo.

Em nome d'essa liberdade que proclamou o ensino atheu, que arrancou da escola, lançando no numero das velharias, a Effigie Santissima do Crucificado, d'essa liberdade convenio, mas da liberdade que prégou Jesus, que chamava os pequenos para junto de si, *sinite parvulos venire ad me*, oh! em nome d'essa, nunca.

Famalição, 16 de Fevereiro 92.

ANTONIO DIAS DA COSTA.

A RELIGIOSIDADE

Ao meu caro amigo o Ill.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.
Padre Manoel Martins Capella.

§ III

*O henotheismo de Max Muller. — O
SENSUS NUMINIS. — A idéa do infi-
nito. — Defeitos do systema.*

*O systema monotheista. — A revela-
ção interna. — Sufficiencia de este
systema para explicar a existencia
de todas as religiões.*

O celebre professor da Universidade de Oxford, Max Muller, admittiu no homem uma faculdade especial, por meio da qual pode perceber o *infinito*. A esta faculdade chamou *sensus numinis*.

As estrellas constellando brilhantes a immensidade dos ceos em uma formosa noite de primavera, ou as trevas lançando negras sobre a terra o seu lugubre veo, o dia risonho de um limpido azul, ou a tempestade medonhamente desencadeada ameaçando destruir o orbe, o mar enfurecendo-se

encapellado contra as rochas cavas da praia, ou morrendo calmo nos silenciosos areas da riba, a inabalavel illota, do jardim plantado no meio do Oceano, ou os *icebergs* errantes do polo esbarrando-se de encontro uns aos outros, a vasta extensão das campinas tapetadas de verde relva, a aurora dissipando purpurea as trevas da noute, o Himalaya fendendo escalvado as nuvens; tudo desperta em nós a *idéa do infinito*. Rebenta assim no espirito a idéa de um Deus, não de um Deus unico, excluindo toda a multiplicidade—*monotheismo*, nem de uma pluralidade de Deuses—*polytheismo*: é uma idéa intermedia a que o auctor chamou Deus uno—*henotheismo*:—Não é o *monotheismo*, porque depois do espirito o conceber era lhe impossivel cahir no *polytheismo*, não era o *polytheismo*, porque para conceber muitos deuses, é necessario que primeiro se conceba um só.

Estabelecendo estes principios, Max Muller explica assim a existencia do *polytheismo* e do *monotheismo*.

Formada a idéa de um Deus, o homem foi-a applicando a cada um dos seres constitutivos do Universo, aos astros, aos animaes, ás plantas, etc., tornando cada uma, uma divindade distincta, e assim cahia no *polytheismo*. Correu o tempo e o progresso veio operar uma revolução nas idéas religiosas: o espirito convenceu-se de que só podia haver um Deus, adheriu a esta verdade, e rejeitando o *polytheismo*, tornou-se *monotheista*.

As objecções contra este systema são muitas e pesadas.

Haverá no homem o *sensus numinis*? A historia prova até á evidencia a não existencia d'esta faculdade: igualmente a observação e a experiencia. Se o *sensus numinis* fosse uma faculdade do espirito, devia ser permanente, porem vemos povos quasi sem crenças religiosas, apenas com restos do culto dos antepassados e que nunca se elevaram á concepção de um Deus, uns, e outros que crendo em um Deus supremo, nunca o identificaram aos phenomenos naturaes.

O espectáculo da natureza por si só não podia dar a idéa do infinito. Altas montanhas, immensidade dos mares,

extensão das planícies, bellezas e sublimidades da natureza, só poderão despertar em nós o sentimento do *indefinido*, mas nunca o do *infinito*. O indefinido é o finito prolongado, o infinito é a negação do finito.

A idéa de uma divindade como Max Muller a apresenta não é tão simples como parece; resulta da idéa do infinito e da de pluralidade de deuses, duas idéas contradictórias, porque o infinito deveria ser percebido unico e convir só a um Deus.

O infinito, a poder ser percebido por uma intuição sensível, não teria o duplo character de pae e de juiz, que na religião tem, porque estes caracteres só a razão lh'os poderia dar.

O systema de Max Muller não explica a passagem do henothcismo para o polytheismo; esta passagem torna-se mesmo impossivel porque o infinito repugna com a multiplicidade.

Se estudarmos o systema do *monotheismo primitivo* veremos como satisfaz plenamente resolvendo de um modo cabal este problema.

*

* *

Na humanidade o sentimento religioso appareceu como no individuo. No homem existem tendencias e aspirações que o predispoem a acceitar as crengas religiosas, mas as suas faculdades precisam de uma excitação externa, porque estas disposições não se desenvolvem espontaneamente.

A nossa razão requer a existencia de um ser omnipotente que seja a causa de tudo o que existe, a nossa consciencia, a de um juiz rectissimo que julgue as nossas acções, a nossa vontade, a de um legislador sanctissimo que nos imponha a lei a que devemos obedecer, o nosso coração, a de um ente amantissimo que nos abrase com os raios do seu amor. Mas apesar d'isto a alma não passaria de ter sentimentos pouco elevados e pouco claros.

Á creança é a mãe que, sollicita em dar ao teuro filli-

nho uma educação esmeradamente religiosa, vae erguer-lhe as mãosinhas, ensinar-lhe a balbuciar o nome sacrosanto de Deus, aconselhar-lhe que para elle appelle nos transes criticos da sua existencia, fazer enfim, com que o seu coração juvenil seja inundado a jorros pelo sentimento religioso.

Na humanidade, foi Deus, que por uma disposição interior, se manifestou, educando-a nas verdades sagradas da religião.

Não se julgue esta revelação impossivel, ainda mesmo que se sigam as theorias de Darwin; algum ser devia ser o o primeiro homem e foi a esse que Deus se manifestou. Não nos objectem com a revelação externa, porque se a interna não existisse, se do fundo de nós mesmos não rebentasse o sentimento religioso, se nós não nos elevassemos até Deus, (1) não poderíamos comprehender a voz do mesmo Deus. Só esta revelação interna, torna possivel a externa; não podemos ver se não tivermos olhos, não podemos ouvir se não tivermos ouvidos.

Esta theoria satisfaz plenamente e explica perfeitamente todas as crenças religiosas que matizam a humanidade.

Deus, manifestando-se ao homem internamente, devia ter-lhe ensinado a verdade inteira, portanto a primeira noção religiosa do genero humano devia ser verdadeira. O primeiro homem aprendeu a existencia d'essa causa primeira que a razão exige, d'esse juiz que a consciencia deseja, d'esse legislador de que a liberdade carece, d'esse amor porque o coração anhela.

O monotheismo é a religião do primeiro homem, cheia de simplicidade e de philosophia, accessivel ao sabio e ao ignorante!

Nada repugna que a humanidade tenha decalado e as

(1) Consultem-se sobre este assumpto as seguintes obras de que nos servimos: PRESSENSÉ—*Origines*; BROGLIE—*Problèmes et conclusions sur l'histoire des religions*; HERBERT SPENCER—*Principes de sociologie*; FUSTEL DE COULANGES—*La cité antique*; DARWIN—*The Descent of man*; etc.

idéas claras da religião se fossem adulterando, chegando ao polytheismo.

O polytheismo é um estado decadente da humanidade, nunca um estado primitivo.

A theoria do monotheismo primitivo é confirmada pela opinião dos mais abalisados theologos abandonando a theoria do progresso por uma sã theoria da decadencia moral.

(*Continúa.*)

ABUNDIO DA SILVA.

IMPRESSÕES

DECADENCIA — A UNIÃO DOS SEMINARISTAS — O ALTO CLERO

A decadencia da nacionalidade portugueza accentúa-se.

O *Crack* financeiro não foi mais que uma illação inevitavel do *crack* moral e intellectual. O naufragio da honra e da intelligencia collectiva haviam de conduzir-nos fatalmente a este calvario asperissimo onde agora a agiotagem feroz nos crucifica. Oxalá que ao menos a cruz em que nos eravam seja o inicio aureoreal d'uma redempção e nos reconduza, pelo respeito votado á religião de novo maiores, pelo culto fervoroso do patriotismo, pela agricultura e pela industria nacional, a uma nova epoca de prosperidade perduravel e fecunda. Estamos hoje pagando bem caro um erro historico. A febre das aventuras maritimas e o oiro que sobre nós a Asia bolsou a flux, se nos deu na historia um renome glorioso, tambem nos inoculou na alma o virus da ruina e da corrupção. Urge retomar a feição primeira, e pedir ás entranhas uberrimas da nossa gleba a riqueza e a independencia.

*

Entre as varias idéas que têm vindo a lume como seguro indicio d'um sincero despertar do sentimento religio-

so, nenhuma nos é tão sympathica como a *união dos seminaristas theologos*. A juventude, em cujo coração o abutre do egoismo não ferrou ainda as suas garras sordidas é terreno fecundo para a fructificação dos edéais generosos. Na alma boa dos moços seminaristas deve haver actividade e audacia mais que bastante para ir de animo alegre e viscera erigida á conquista do logar d'honra a que o clero tem jus na sociedade portugueza. Todas as classes se estão valendo da associação como arma prestimosa de acção e defeza: iniciem tambem os seminaristas a associação do clero para que dentro em breves annos possa a sua voz ter cotação nos destinos da patria e ser ouvida com merecido respeito.

*

A *Revista Catholica* de Vizeu que tanto se tem distinguido pela sua attitude energica e independente na defeza da causa religiosa e social, não cessa de por em evidencia a intervenção constante e corajosa dos venerandos prelados francezes no vivò movimento religioso que se está operando com ardor por toda a França. Parece-nos ser intenção do collega pôr esse procedimento altamente louvavel em antithese com o do Alto Clero Portuguez que systematicamente se abstem de dirigir, amparar e desenvolver o renascimento religioso que ali se vae realisando apesar de tudo. Se tal é a sua intenção do esclarecido collega, intenção que aliás se manifesta clara em umas quasi queixas, perfillhamos inteiramente os seus justos reparos.

BRUNO D'ALMEIDA.

LISTA DOS ALUMNOS
DO
COLLEGIO DE S. DAMASO

Approvados em exame d'admissão em maio de 1892

Alfredo Lopes de Mattos Chaves, de *Guimarães*
José Lopes de Mattos Chaves, de *Guimarães*
Antonio Maria do Amaral e Freitas, de *Guimarães*
Manoel Francisco Sol, de *Bouças*
Alberto Machado Sampaio Basto, de *Guimarães*
Manoel Bernardino d'Araujo Abreu, de *Guimarães*
Arnaldo Vieira Nunes da Cruz, de *Maia*
Antonio Augusto d'Oliveira, de *Louxada*
Augusto de Campos Pinto, de *Felgueiras*
Albano José Peixoto, de *Felgueiras*
Arlindo Maria Marteiro, de *Guimarães*
Arthur Teixeira Lima, de *Vizella*
João de F. S. d'Almeida Queiroz, de *Louxada*
Arthur Pacheco Dias Freitas, de *Louxada*
Pedro de Freitas Franco, do *Pará (Brazil)*
Adelino Leite de Faria, de *Guimarães*
Manoel Bernardino Ferreira, de *Guimarães*
Domingos de Sousa Magalhães, de *Ribeira da Pena*
Adelino Ribeiro Jorge, de *Guimarães*
Francisco Xavier Alves da Rocha, de *Ribeira da Pena*
José Peixoto da Cunha Moreira, de *Louxada*
Altino da Costa Maia, de *Bouças*
Manoel Gaspar Coelho da Motta Prego, de *Guimarães*
Eduardo Guichard, do *Porto*
Manoel de Castro da Silva Sampaio, de *Guimarães*
João José de Sousa Pereira, de *Villa Pouca d'Aguiar*
Egydio Pinheiro Salgado, de *Guimarães*

Approvações 28
Reprovações 1



GAZETILHA DO COLLEGIO DE S. DAMASO

(OFFERECIDA ÀS EX.^{tas} FAMILIAS DOS ALUMNOS D'ESTE COLLEGIO)

Adhuc sub iudice lis est.—Por falta de espaço deixo para o numero seguinte um serio ajuste de contas com os meus companheiros que ainda não crêem que eu seja um collegial.

Visitas.—Entre muitas pessoas que honraram este collegio com a sua visita lembra-me ter visto os Ex.^{mos} Snrs.—Dr. Armando Freitas Ribeiro de Faria, Padre Bento da Silva Bravo, Alfredo da Silva Bravo, Fortunato Varella, D. Leopoldina da Silva Bravo, D. Thereza da Silva Bravo, D. Lucinda da Silva Bravo, D. Maria Gonçalves de Freitas, D. Emilia Gonçalves de Freitas, D. Margarida Gonçalves de Freitas, D. Adelina Gonçalves de Freitas, D. Lucinda Varella, D. Helena Pereira de Freitas, de Vizella. Antonio Pereira da Silva, Armindo Baptista, João Ribeiro Jorge, Joaquim Alfredo Ferreira Leite, A. M. Ribeiro, Dr. Pimenta, Conego Miranda, Dr. Mattos Chaves, Dr. Meira, Dr. Queiroz, Dr. Motta Prego, D. Delfina Emilia Martins, D. Rosa Elvira Martins, D. Maria Jo Carmo Teixeira de Freitas, D. Josepha d'Oliveira Teixeira de Freitas, D. Philomena de Jesus Gomes, D. Angelina Ermelinda de Jesus Gomes, D. Anna Costa, D. Anna Emilia Martins, D. Maria da Conceição Freitas Costa, D. Carolina Freitas Gosta, D. Augusta Freitas Costa, D. Thereza Magalhães Brandão, D. Maria Coelho Motta Prego, D. Maria Peixoto Mattos Chaves, D. Roza de Menezes, D. Maria Constança de Menezes Martins e D. Maria Oliveira Peixoto de Barros, de Guimarães.—Padre Antonio José Mendes, Padre José Ventura, Francisco José Pacheco d'Oliveira, de Barrosas, Joaquim da Costa Leite Sobrinho e Antonio Cardoso de Felgueiras. Miguel da Silva Netto, de Louzada; Padre Manoel Francisco dos Santos, da Maia; Padre Manoel Domingues de Sousa Maia, de Santo Thyroso; Padre João Manoel Torcado da Povoa de Varzim; Joaquim Pereira Rego, de Lanhoso; etc.

Bazar.—Será nos dias 15, 22 e 26 o leilão das prendas que os collegiaes têm angariado. Principiará ás 3 da tarde. Crêmos que por essa occasião se fará ouvir a estudantina do collegio. Consta-nos que muitas familias tencionam concorrer á sympathica diversão.

Francez e Portuguez.—Abrem-se no dia 10 do corrente as novas aulas de francez e portuguez para os alumnos que fizeram exame d'admissão aos lyceus. Está provado, que só alumnos d'intelligencia mais que vulgar é que podem habilitar-se com alguma segurança para os exames de francez e portuguez, no estreito espaço que decorre desde outubro a junho: por isso importa muito que todos se matriculem desde já.

Exame.—O collegio apresentou a exame de admissão aos lyceus 29 alumnos, e obteve 28 approvações. Parabens aos zelosos professores Padre Firmino Bravo e Padre Hermano Amandio.

Veja-se a lista da pag. anterior.

Mez de Maria.—Realisam-se na egreja do collegio os piedos exercicios do mez de Maria. Nos domingos e dias sanctos são feitos com solemnidade a vozes e orgão sob a direcção do digno professor de musica M. M. Martinó. Principiam ás 2 horas da tarde.

Bandeira.—Já está prompta. E' um trabalho primoroso que muito honra a pericia e o bom-gosto da Ex.^{ma} Sr.^a D. Lucinda Varella.